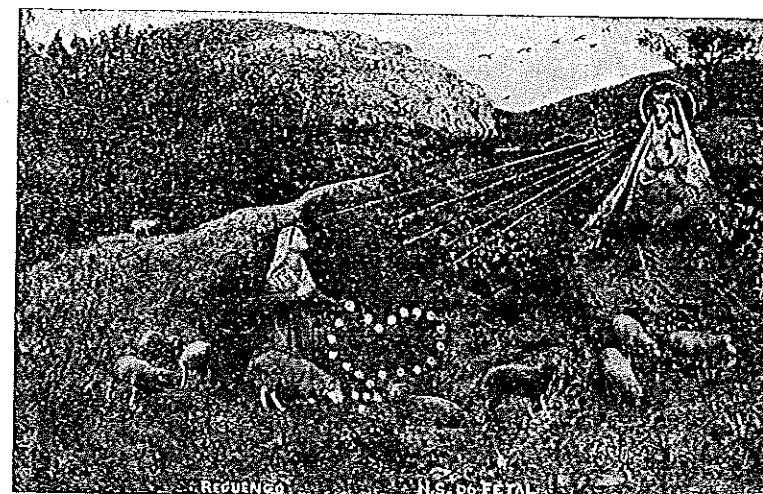


P. JACINTO DOS REIS

NOSSA SENHORA DO FÈTAL

envolvida num Processo de Registo Civil



ORACÃO

Ó Senhora do Fetal! . . . Que não falte o pão na mesa,
A vossos pés aqui vimos, Nem a chuva ao lavrador,
Rainha de Portugal! Nem azeite à luz acesa,
Concedet o que pedimos: Nem a Graça ao pecador,

REPRODUÇÃO PROIBIDA

COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA
Leitura, 1 Out. 1957.

Estes artigos apenas lhe proporcionaram a ocasião de fazer ao órgão da Diocese de Leiria a mais acerba e injusta crítica que só se acreditava porque S. Rev.^a a assinou.

«Não há dúvida, diz o Sr. Dr. Raul Machado, de que quem tem falta de razões propõe mesmo razões falsas.»

Se são falsas as razões, porque o não demonstrou?

Não tem o Sr. Dr. Raul Machado outro argumento senão o de fazer uma afirmação gratuita e, ao mesmo tempo, ofensiva!...

«*A Voz do Domingo*» poderá afirmar, ou pelo menos ter, desta vez, a opinião de que, se o ilustre consultor possuisse argumentos, não teria saído do campo da consulta que lhe foi feita.

Que interessa, neste caso, ao consultente ou ao consultor que o semanário de Leiria seja católico, protestante, judeu ou maometano?

Ainda que tivesse ido «contra» a Santa Sé, não incorreria em nenhuma censura eclesiástica, porque estas aparições não são dogmas de Fé. Mesmo que o semanário, ou os seus colaboradores fossem herejes e excomungados, que importava isso para o caso?

Não quer com isto dizer-se que S. Rev.^a não seja competente para emitir a sua opinião no caso que lhe foi apresentado, mas simplesmente dizer que não usou da competência que lhe atribuem.

Magister dixit, já não é argumento satisfatório, se é que alguma vez o foi.

Parece vir a propósito, em semelhante caso, recordar as palavras que Quodbach, Doutor em Filosofia, Licenciado em Ciências Morais e Históricas, Professor no Ateneu Real de Bruxelas, etc., escreveu na sua grande obra — *Le Christ cet Inconnu*:

«Celui que veut trop savoir, aboutit à des solutions ridicules et parfois en opposition directe avec l'histoire» (I, pag. 183) (¹).

* * *

A devoção a NOSSA SENHORA DO FÉTAL tem-se transmitido de geração em geração.

Lembram-se alguns factos dos narrados nos dez artigos da «*A Voz do Domingo*», e outros.

(¹) TRADUÇÃO — O que quer saber de mais, cai em soluções ridículas e muitas vezes, em oposição directa com a história.

1. — Em todos os domingos e dias santos do mês de Maio é organizada uma procissão de flores, a oferecer à SENHORA DO FÉTAL, que vai da igreja paroquial para o Santuário, construído no seu Outeiro, a mais de um quilómetro de distância.

2 — Os rapazes, dos 15 anos para cima, vão todos os dias da Quaresma, depois da ceia, da mesma igreja para o Santuário cantando o Terço, e voltam entoando cânticos.

3 — Antecedem a grande festa anual do 1.º Domingo de Outubro, anunciada habitualmente em cartazes (Doc. n.º 10), duas soleníssimas procissões nocturnas com a multissecular Imagem da SENHORA DO FÉTAL: uma no primeiro dia da novena, do Santuário para a paroquial, a outra de regresso, no último dia da novena.

São as «procissões dos caracóis» como lhe chamam as pessoas que vêm de longe, porque a principal iluminação é feita pelos habitantes do lugar com lamparinas de azeite, servindo de depósito as «cascas» dos caracóis grandes.

4 — Na roda do ano, mais festas se realizam no Santuário.

5 — Poucas são as horas do dia em que não haja alguém — homens ou mulheres, crianças ou adultos, sãos ou doentes — a fazer oração junto do vetusto Santuário de NOSSA SENHORA DO FÉTAL.

6 — Dos antigos e tradicionais círios, ainda permanece o da Maiorga (Alcobaça).

7 — Em 1929, já depois das aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria, veio a freguesia de Fátima, e outras, em procissão de penitência — como aliás era costume, por ocasião de grandes secas — ao Santuário da SENHORA DO FÉTAL para, humildemente, imporar a sua misericórdia.

Destas procissões, estão ainda na memória dos velhos, as que se efectuaram em 1896: uma para pedir e outra, imponentíssima, para agradecer.

8 — E qual é o emigrante da freguesia (e tantos são) que partindo para longe da Pátria se não despeça da SENHORA DO FÉTAL, com lágrimas e orações?

9 — Quais os que, ao voltar, lhe não vão fazer uma e mais visitas de agradecimento?

- 10 — Quantas missas, lá de longe, Lhe não mandam celebrar, no Seu Santuário! Isto, os que partem.
- 11 — E as suas famílias que ficaram? Quantas preces fervorosas e quantas lágrimas ardentes a rogar protecção para os seus que partiram à busca do pão, que nem sempre encontraram na sua Pátria com a mesma facilidade e abundância?
- 12 — Que o digam as lajes gastas do piedoso Santuário; que o digam os degraus puídos e gastos também, das janelas do frontispício do mesmo Santuário, onde tantos, diariamente, se ajoelham! Poderiam ainda ser testemunhas os que circundam o glorioso templo, se a morte lhes não impusesse silêncio.

* * *

Ficou bem esclarecido que a Virgem Maria, sob a invocação de SENHORA DO FÈTAL, tem culto público reconhecido pela Igreja Católica e nas mesmas condições litúrgicas em que o tem Nossa Senhora de Fátima, mas com estas diferenças: o culto da Senhora de Fátima é, actualmente, mais universal; o da SENHORA DO FÈTAL é mais antigo, é imemorial, é multisecular.

Já se disse que foi o Sr. D. José Alves Correia da Silva, saudoso Bispo de Leiria, que aprovou, oficialmente, o culto da Senhora de Fátima, em 13 de Outubro de 1930.

Não foi a Santa Sé que aprovou o dito culto; foi simplesmente o Sr. Bispo, porque os bispos têm competência para aprovar estes cultos, que começam por ser diocesanos.

A Santa Sé concorda ou não, e toma a atitude que melhor entende. No caso de Fátima, os Papas têm-se mostrado interessados pelo culto de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, ou, mais abreviadamente, de Nossa Senhora de Fátima. Contudo, não há ainda uma oração, propriamente litúrgica, a Nossa Senhora, sob a invocação de Fátima.

Como consequência lógica da devoção à SENHORA DO FÈTAL deu-se o que através dos séculos se tem dado em todo o País e em todo o mundo cristão: os seus devotos colocam-se sob a sua especial protecção.

As maneiras mais generalizadas de o fazer são escolherem-na para Madrinha do baptismo e tomarem para si, o Seu

glorioso nome de Maria do Fètal, ou pelo menos, a Sua invocação — FÈTAL.

Assim o dizia, em 1762, o universitário acima referido, no véu branco que ofereceu: «... mihi que *optatissimo* titulo do Fètal».

Sabe-se «que é secular a escolha de NOSSA SENHORA DO FÈTAL para Madrinha de crianças de ambos os sexos», afirma-o S. Ex.^a Rev.^{ma}, o Sr. Bispo de Leiria, no documento citado, e essa escolha não era, e não é, acidental nem rara.

Em 1904 havia, pelo menos, 125 afilhados: 58 do sexo masculino e 57 do sexo feminino. (Nota-se que os do sexo masculino eram mais). Estes 125 afilhados ofereceram à sua Madrinha uma coroa de ouro que tem gravado: «Os afilhados de NOSSA SENHORA DO FÈTAL — 1904». Destes, o mais velho nascera em 1827. Existe a relação completa dos nomes com a indicação de quanto deu cada um. Existe também, a factura da ourivesaria que fez a coroa.

Igualmente se sabe «QUE É COSTUME, TAMBÉM SECULAR, DAR ÀS CRIANÇAS DO SEXO FEMININO O NOME DE MARIA DO FÈTAL E ÀS DO SEXO MASCULINO, INCLUIR «FÈTAL» NO SEU NOME PRÓPRIO» diz o documento citado, do Sr. D. João.

Dos 125 afilhados, 28 têm o nome de Maria do Fètal; 1 Ana do Fètal e 1 Manoel do Fètal.

Consultando os livros mais antigos que o puderam ser, isto é, de 1797 para cá (e não todos), vê-se que nesse ano — 1797 — nasceu, em 15 de Maio, uma Maria do Fètal.

Daí para cá, visto não ser fácil verificar para trás, foram baptizadas dezenas, muitas dezenas de crianças com o nome da Santíssima Virgem — Maria do Fètal.

Anos há em que se encontram 4, 6 e 7, como nos de 1875, 1887, 1890, 1907, 1910...

Em todos estes anos e em alguns posteriores, apenas se registavam nos assentos, os nomes próprios. É bom que isto se lembre para evitar dúvidas e para se ter a certeza de que o nome de Maria do Fètal *existe*, ao contrário do que, gratuitamente, afirmou o Sr. Dr. Raul Machado.

Apesar da campanha religiosa, intensificada a partir de 1910, e apesar da invasão de nomes estrangeiros e estrangeirados e da mais estulta imaginação com laivos políticos, revolucionários e ateus, como «Rodasnepervil» (livre pensador escrito

Aproveitamos esta oportunidade para dar alguns pormenores acerca de NOSSA SENHORA DO FÈTAL sem, contudo, querermos ter a pretensão de esgotar o assunto.

O que vamos contar, juntamente com o que escrevemos nos dez artigos na «*A Voz do Domingo*» e o que expusemos ao Sr. Ministro da Justiça, dá-nos a impressão de que nada, ou pouco mais, haverá a investigar, tanto na tradição oral como na escrita.

Pormenores acerca do culto de Nossa Senhora do Fètal, do seu Santuário, e de outros, relacionados com o culto e com o Santuário

ORIGEM DO CULTO DE NOSSA SENHORA DO FÈTAL

A tradição oral e a tradição escrita dizem, sensivelmente, a mesma coisa a respeito de NOSSA SENHORA DO FÈTAL.

Há, porém, uma ou outra divergência. Assim, o «*Couseiro*» diz que a pastorinha «em tempo de grande esterilidade e fome andava a guardar vacas» aquando da aparição; e o «*Santuário Mariano*» diz que guardava ovelhas: «umas ovelhas que não seriam muitas (segundo a pobreza daquelas terras entre fetais).»

A tradição oral também diz que guardava ovelhas. «*Portugal Antigo e Moderno*» refere apenas, que era uma pegureira.

Todos contam que a pastorinha, filha de «certo lavrador» do Reguengo, chorava quando «viu uma mulher muito «femosa» que se chegava para ela, lhe perguntou porque chorava».

A menina respondeu-lhe que tinha fome. Então, a Senhora mandou-a ir a casa pedir à mãe que lhe desse pão.

A pastora informou-a de que já o tinha pedido, mas que a sua mãe o não tinha; a arca não tinha nada.

A «Mulher fermosa» insistiu, aconselhando-a a que fosse, de novo, a casa e dissesse à mãe que uma Senhora a mandava abrir a arca, onde costumava guardar o pão.

Assim sucedeu.

Ficaram as ovelhas à guarda da Senhora, enquanto a pastorinha, obediente, desceu a encosta em direcção ao Reguengo, que fica a um quilómetro.

Entrou em casa e contou à mãe o que acabava de se passar no fétal dos Outeiros.

A mãe, confiante, abriu a arca e viu-a «cheia de tão excelente pão que mais parecia não ser amassado na terra».

Saciada com este pão, «voltou outra vez a pastorinha às suas ovelhas, confortada já, e contente.»

Diz a tradição oral que a pastora, quando chegou aos Outeiros, teve sede e que a Senhora lhe mandara fazer uma cova, onde apareceu a água com a qual matou a sede.

Não parece isto inverosímil, porque o terreno, naquele sítio, é arenoso, sendo, por isso, muito fácil fazer uma cova, mesmo com a mão.

Entretanto, a «Mulher fermosa» recomendou-lhe que voltasse novamente ao povoado para anunciar que Ela era a Mãe de Deus e desejava que Lhe fizessem, naquele Outeiro, uma Casa — ermida — para nela ser louvada com a invocação de Senhora da Fé, conta o *«Couseiro»*.

Foi a pastorinha, como «embaixadora», diz o *«Santuário Mariano»*, anunciar aos moradores qual era a vontade da Senhora.

«Haviam visto aqueles aldeões o pão de que a Senhora, milagrosamente, havia enchido a arca... e foram todos alegres e obedientes ao lugar donde a pastorinha referia que a Senhora lhe aparecera e mandava Lhe fizessem Casa, e acharam uma Imagem muito linda e junto a ela uma MILAGROSA FONTINHA.»

Seria a cova que a pastora tinha feito pouco antes?

Achamos, também, muito natural que se encontrasse a Imagem.

É sabido que, por vezes, foi grande a perseguição ao cristianismo, durante a ocupação da Península pelos muçulmanos.

Para evitar desacatos e profanações às venerandas imagens de Nossa Senhora, os cristãos escondiam-nas, sobretudo as

mais pequenas, em variadíssimos lugares: grutas, troncos de árvores, etc..

Muitas dessas imagens nunca chegaram a ser recuperadas pelos seus ocultadores. Por isso, através dos tempos, foram-se encontrando algumas, por acaso, aqui e ali; umas vezes por pastores, outras vezes por caçadores, como por exemplo, a de Nossa Senhora da Rocha, etc..

Outras imagens foram encontradas em casos especiais, considerados milagrosos, como teria acontecido com as imagens de Nossa Senhora da Nazaré, de NOSSA SENHORA DO FÉTAL e muitas mais.

Creemos, quanto a esta, que foi o providencial diálogo entre a «Mulher fermosa» e a pastorinha que a denunciou.

A veneranda Imagem teria sido escondida entre fetos, naquele lugar ermo, muitos anos antes, por algum devoto do Reguengo.

Se a imagem tivesse sido feita para perpetuar a aparição da «Mulher fermosa», seria natural que a apresentasse de pé e não sentada com o Menino ao colo, como a achada entre os fetos.

Assim procederam, entre tantos outros, os devotos de Nossa Senhora de Lurdes e de Nossa Senhora de Fátima.

A IMAGEM

A Senhora, sentada num escabelo, está coroada com coroa aberta.

Tem o Menino sobre o joelho esquerdo, e ampara-O com a mão, também esquerda, colocada nas costas da pequenina Imagem.

A mão direita está junto do pé esquerdo do Menino. Este, sentado, muito à vontade, tem o «mundo» na mão esquerda, e a direita parece brincar com o pé do mesmo lado.

O cabelo é dourado. Tronco, braços e pés estão descobertos.

Em volta da cintura observa-se uma faixa branca, meio coberta com o manto da Senhora.

Todo este conjunto foi esculpido num bloco de pedra branca, muito abundante na região, o qual mede 38×12 cm.